

CEDI - P. I. B.  
DATA 24 / 09 / 86  
COD 011107

# Curso - Assembleia



dos representantes **Indígenas**

Nós índios do Parã e Amapã, a convite do CIMI Norte II e da FUNAI de Belem, nos reunimos pela primeira vez para discutir e tentar resolver os problemas que estamos enfrentando na aldeia. Esta é a primeira vez que nós juntamos os parentes desta região para ouvir o sofrimento de cada comunidade. O nosso encontro começou no dia 21 e vai até o dia 26 de julho.

O primeiro trabalho que fizemos foi a apresentação de cada um. Depois cada representante contou um pouco da história de seu povo, ouvimos a história de nossos antepassados. Tivemos alguma paralização no primeiro dia porque algum parente que faltava chegar ia chegando e nós nos apresentávamos outra vez. Mas no dia seguinte cada um contava como foi que perdera sua terra e como fizera para retomá-la. Vendo as dificuldades de cada comunidade os trabalhos foram divididos em grupos, sendo em cada grupo um companheiro de outra aldeia, para juntos tentar tomar uma decisão para resolver nossos problemas.

Nestes grupos foram quatro problemas para ser discutido e tomar uma decisão. Os problemas são aqueles que estão sempre atrapalhando a vida da comunidade que tenta se organizar para conquistar suas terras. Foram estes os problemas que achamos ser muito sérios para as comunidades indígenas:

#### A TERRA--GARIMPEIRO--MADEIREIRO e CASAMENTO DE ÍNDIO COM BRANCO

Estes problemas são muito sérios e temos que tomar decisões para ter vida melhor para nossa comunidade, para nosso povo. As decisões tomadas por estes grupos foram:

1 - Não aceitar na aldeia madeireiros, garimpeiro e nem casamento de índio com branco porque só cria problema para a comunidade.

2 - Com relação à terra: Ela é nossa mãe; a terra do índio é um direito sagrado. Sem a terra não podemos sobreviver. É dela que tiramos o sustento para nossas famílias. O direito que temos à terra foi Deus que nos deu e ninguém pode tirar esse direito que temos. Vamos lutar até o fim de nossas vidas para garantir o que Deus nos deu: a TERRA.

#### COMO DEVE ORGANIZAR COM OUTROS NA ALDEIA QUANDO CHEGAR:

Vamos conversar com os parentes e nos organizar para defender os nossos direitos. Vamos ficar bem unidos que seremos fortes. Quanto à organização a nível de estado é muito importante para nosso povo e para nossas comunidades. Vamos fortalecer nossa união aqui no Parã e no Amapã. Vamos criar uma comissão neste encontro para selar nossa união com outros irmãos de outras regiões do Brasil. Esta comissão acreditamos que não seja só para ir a Brasília, mas que seja uma comissão para tratar qualquer assuntos de interesse dos índios do Parã e Amapã. Foi muito importante este encontro neste momento em que nós ficamos do que está acontecendo com os nossos irmãos de outras aldeias. Antes nós não sabíamos o que estava acontecendo e não poderíamos fazer nada. Agora estamos informados do que está acontecendo com nossos irmãos e vamos procurar resolver nós mesmos nossos problemas.

Já chega de tantas promessas! Se promessa resolvesse problema a nação indígena no Brasil não teria mais problema com fazendeiros, empresas, madeireiros, garimpeiros e posseiros porque as promessas que a FUNAI já fez teria resolvido tudo. Temos fé que o que discutimos aqui não vai se acabar aqui. É como uma semente que plantamos e no amanhã ela vai nos dar muitos frutos. Essa é a nossa esperança: que cada companheiro leve para sua aldeia o problema de cada um e juntos vamos resolver.

Junto a nós para discutir nossos problemas estava o companheiro Apolônio Xokô da UNI, para juntos ver o que podemos fazer.

Durante estes dias de encontro aqui em Belem, nós da comissão formada por: Clemente Tembê, Martinho Munduruku, Junior Tiriyô, Fernando Munduruku, Antônio Tembê e Apolônio Xokô, colocamos esses dados que achamos importante para este relatório do encontro.

Com aprovação unânime da Assembleia.

Belem (Ananindêua) Pará em 25 de julho de 1986



PARTICIPANTES:

POVO	LOCALIZAÇÃO	Nº MAPA	NOME	ALDEIA
TEMBÉ	Alto rio Guamã	6	Clemente Oscar Antônio	Tawari São Pedro Posto
APALAI	Rio Parū do Leste	3 e 4	Towarinkē Maruanari Palankā	Bona Bona Bona
TIRIYŌ KAXUYANA	Rio Parū do Oeste	3	Apē Junior	Missão Tiriyo Missão Tiriyo
MUNDURUKU	Rio Cururu	25	Fernando Martinho Burum	P.I.Munduruku Missão Cururu
PARAKANĀ	Estrada Transamazônica Região do Rio Tocantins	18	Warerā Montiapēua	Paranati Paranati
AIKEWARA (Surui)	Região do Rio Tocantins-Araguaia	22	Sawara 'a Waiwira	Sororō Sororō
ASSURINI	Rio Tocantins	12	Itapara Imuīwa Apuī	Trocarā Trocarā Trocarā
ANAMBÉ	Região do Rio Moju	7	Pedro	Cairari
KAYAPŌ	Região do Rio Xingu	27	Mokukā Betikre Pajakan Pīaum Kakwyi Pārāpāt Bep-Buru Mundiko	A'ukre A'ukre A'ukre Kikretum Kikretum Gorotire Gorotire Kokrajmor

POVO	LOCALIZAÇÃO	Nº MAPA	NOME	ALDEIA
GALIBI	Região de Oiapoque Rio Uaçã	2	Manoel Guilherme	Kumarunã
KARIPUNA	Rio Curipi		Anikã	Manga
PALIKUR	Rio Urucauã		Emílio Leôncio	Tawari
XOKÔ	Estado de SERGIPE no Nordeste	não tem	Apolônio	Ilha de São Pedro

Também estiveram presentes as seguintes pessoas:

DO CIMI:

Pe. Nello que coordenou os trabalhos,  
Irmã Rebeca que secretariou.

E estes que observaram e ajudaram na recepção:

Pe. Renato da aldeia Kayapô - Kikretum,  
Mahi da aldeia Aikewara-Sororô,  
Isabel da aldeia Tembê-Tawari,  
Irmã Amparo que morava na aldeia Tiriyô - Kuxarê,  
Valéria do jornal PORANTIM,

Raimundinha ficou pouco mas trabalhou muito na preparação de material para nós.

DA FUNAI:

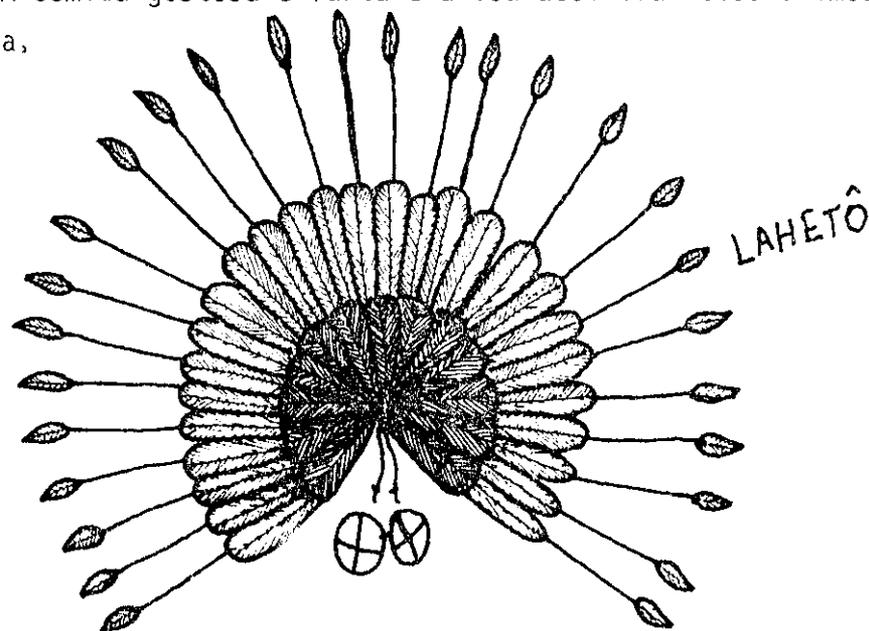
O Superintendente local, Salomão dos Santos, veio fazer umas colocações e responder perguntas. Sua contribuição foi muito apreciada por todos como também a visita do Sr. Dinarte.

PARENTES:

Alguns parentes Apalaí e Kayapô passaram rapidamente para nos visitar durante a Assembléia.

DA CASA:

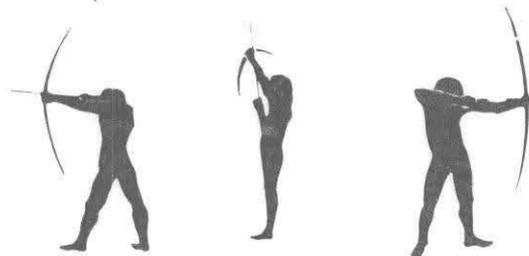
Aqui aproveitamos para agradecer as irmãs e moças do Centro Educacional Sagrada Família. A comida gostosa e farta e a boa acolhida delas animou muito a nossa Assembléia,



No documento já contamos um pouco de como foi o dia-a-dia de nosso encontro e os assuntos que debatemos. Agora queremos colocar algumas palavras de nossos parentes. Não dá para colocar tudo. Aqui vai só uma parte:

### NÓS E NOSSAS ÁREAS

Oscar Tembê: "Viemos para discutir e pegar uma orientação dos irmãos e aprender muito com vocês".



Clemente (Kelê) Tembê: (Mostrou no mapa e disse) "Nós moramos aqui no alto Rio Guamã. Tem Tembê no Rio Guripi também. Aqui está a terra dos Tembê e dos invasores. Estamos aqui para organizar e ver como fazer para reconquistar as terras que estão perdidas. Está difícil mas acho que vale a pena lutar. Tem todos com problemas de terra e uns que não tem problema mas temos que pressionar e ajudar uns aos outros junto com este pessoal que não é índio mas que é amigo".



Juventino Pereira Júnior Kaxuyana: "Vim participar pela primeira vez. Até agora nós não temos problemas. Mas a nossa reserva não está demarcada e nem está prevista. A estrada Perimetral Norte vai passar em nossa área e trazer problemas. Meu sogro Apê é o cacique de nossa aldeia. Eu sou professor".



Towarinkê Apalaĩ: "Nunca vi esta reunião. É a primeira vez que participo. Esta fazendo bem para a gente. Vocês apoia nós e ajuda nossa demarcação. Tem garimpeiro. Passou a placa. Quero que fazer a marcação e botar placas de Brasília que diz que é proibido entrar. Tem índio que gosta de garimpeiro entrar, porque dá coisa. Eles tem raiva de mim e da FUNAI porque não deixa garimpeiro entrar. Mas nós tem filhos, neto e eles vão ter filhos. Não podemos deixar garimpeiro ficar com nossa terra."

Montiapêua Parakanã: "Eu sou líder. Warerã é capitão. É filho e neto de capitão.



Aqui (mostra mapa) nossa área. Pique não chega. Está marcada agora. Seis meses. Posseiros cheio área nossa. Garimpeiro entrou. Saiu, não volta mais. Posseiro cheio. Tem que tirar. Se não, depois vem mais."

Waiwira Aikewara: "Tem invasão pela Gameleira. Grotão do caboclo era nossa área. Depois nós queremos ele de volta porque fez nossa terra bem pequena. Tinha posseiro mas nós tiramos".



Itapara Assurini: "Nós somos do grupo tupi. Nossa área fica à beira do Rio Tocantins. Eu represento o capitão. Imuíwa é filho dele. Apui é de nossa aldeia mas é funcionário trabalhando no Guamã. Estes dias estava conosco na aldeia. Nós não temos tanto invasor. Tinha um que nós conseguimos tirar. Tem algum outro problema. Vim ouvir as ideias de vocês e dar alguma ideia".



Apolônio Xokô: "Sou do Nordeste, do estado do Sergipe. Sou coordenador da UNI no Nordeste. Fui escolhido pelos representantes indígenas numa assembleia de todo Nordeste. Antes disso já servi de líder Xokô, conselheiro, vice-cacique e cacique. Fiquei muito contente com o convite. Já participei em muitos encontros. Estou aqui para aprender junto com vocês. É a primeira vez que venho aqui no norte".

Kelê Tembê: "Quem não tem costume com reunião, não tenha vergonha para falar. Conta o que passa com teu povo. Tenho ficado triste que nós do Parã, não nos conhecemos. Sempre vou nos encontros. É só Tembê, Munduruku e a turma de Oiapoque. Agora estamos aqui. Vamos nos conhecer. É Apolônio o rapaz que veio para ajudar, sabe explicar muita coisa. Podemos aprender muito com ele".

*Neste ponto ainda não tinha chegado todo mundo. Apolônio convidou o pessoal a apresentar o seu povo e a situação de sua área, sua terra, o que aconteceu e como é.*

Apê Tiriyô: Falou em sua língua e Junior traduziu:



"Vou falar um pouco entre os povos indígenas que aqui se encontram.....  
O que nós vamos fazer com as nossas terras que os brancos estão querendo tirar da gente?  
Algum de vocês conheceu os antepassados de vocês?  
Vocês estão morando aonde os antepassados moravam antigamente? Na mesma terra? Ou em lugar diferente?

Todos nós somos pessoas humanas. Cada povo-tribo tem que cuidar de sua terra porque tanto o índio como o branco são gente. Os que querem tirar terra indígena, são pessoas que não pensam no que faz e fala. Eu sei dos

meus antepassados. Sei pensar o que vou fazer e dizer. Antigamente os nossos antepassados moravam na região de Óbidos (mostra o mapa). Depois os portugueses mataram índio e refugiamos no Alto Rio Paru do Oeste".

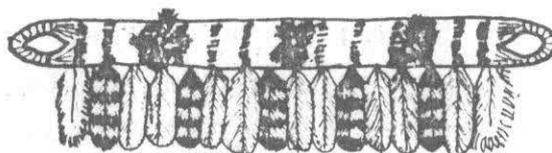
Apê mostra a área no mapa explicando todos os limites aonde tem aldeia Tiriyo, Kaxuyana e Apalaí e diz: "A reserva ainda não está demarcada".

Quando Apê estava terminando nossos parentes Kayapó chegaram.

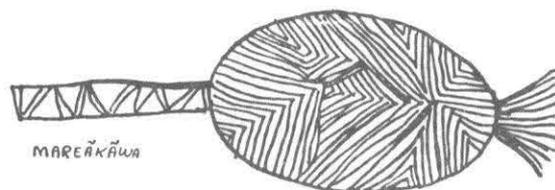
Pedro Anambê: "Somos poucos e fracos. Estamos lutando só com nossa força. FUNAI não vai ou vai muito pouco. Tem poucos invasores. São 29. Mas nós também somos poucos. Somos 68 Anambê mas todos estão espalhados".



Mundiko Kayapó: "Espalhados não dá. Tem que ficar juntos, unidos, fazer força. Espalhados fraco".



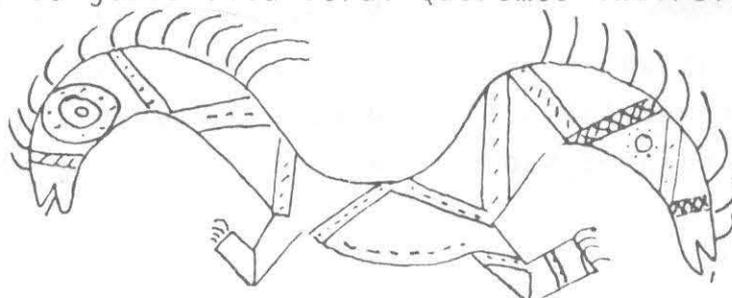
Itapara Assurini: "Nós não temos tantos problemas de terra mas nem por isso vamos deixar de ajudar os outros. Vamos unir as forças".



Apê Tiriyo: "Quero demarcar nossa área para não mais abandonar como foi abandonada a área antiga dos antepassados. Se o branco dividir a terra dos índios, aonde vão fazer as roças os nossos filhos e nossos netos? Aonde vão criar seus animais? Quem dos brancos está a favor do índio? O governo brasileiro pertence a sangue indígena? Não pertence. Temos que conservar a nossa língua e nossa cultura. O que vou fazer se um dia aparecer um invasor? Vou aceitar? Mas não sei ainda o que o governo brasileiro pensa ou o que ele vai fazer".



Fernando Munduruku: "Nossa terra é demarcada mas está errada porque o serviço da gente fica fora. Queremos indireitar".



Mundiko Kayapō: "Nōs Kayapō temos terra demarcada. A FUNAI tem lutado muito conosco para demarcar. Tem que lutar mesmo índios e caciques para não ter crime. Não dá certo: branco mata índio, índio mata branco. Nōs hoje participamos aqui. Eu nasci e me criei em Kokrajmor. Estudei dois anos e meio na cidade. Eu pedi para aprender bem o português. Tudo que aprendo é para ajudar e explicar as coisas para eles. Ainda estudo para aprender bem português para orientar meu povo se defender de garimpeiro, madeireiro e posseiro".



Kakwyi Kayapō: *(Ele fala em Kayapō e Mundiko traduz)*



"Estamos gostando de participar para falar e ouvir a palavra do outro. Somos todos índios. Nōs somos Kayapō. Vocês era índio separados. Onde você mora muito pequeno. Nesta reunião nōs não devemos esquecer o futuro. Vamos defender a terra. Vocês não tem terra demarcada. Posseiro está entrando ainda. Separado não dá força. O que vamos fazer"?

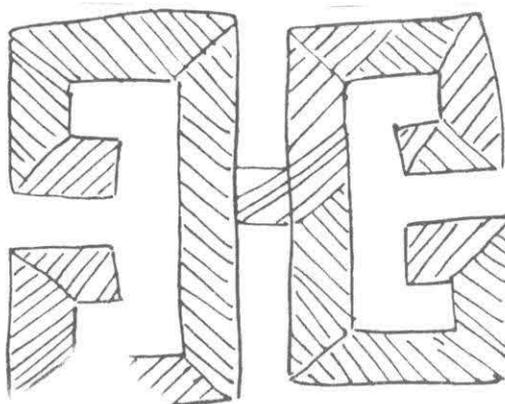
Mokukā Kayapō: "Uma vez fui no Rio com outro pessoal-quase 1.000 índios para resolver problemas da terra deles. Tem serviço controlado organizado. Essa terra não tem mais invasores. Vamos unir hoje para o futuro. Não é passado; não é presente-futuro. Nōs somos todos índios brasileiros-índios legítimos. Todos tem que dizer, tem que falar, tem que orientar também".



Pajakan Kayapō: "Conheço um bocado de coisa do branco e uso isso para entender o que o branco tem de bom para nōs. Hoje tem invasores no Xingu de fazendeiros, garimpeiros, madeireiros - posseiros não. Por enquanto temos controle da situação. Temos madeireiros e garimpeiros dentro da área. Alguns índios participam, acompanham e controlam pessoalmente o trabalho. A nossa luta é essa. Temos total apoio da FUNAI para defender o que é nosso".

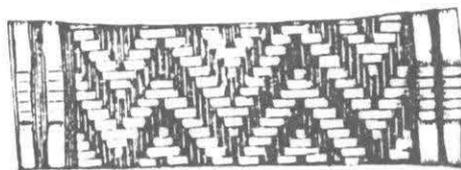


Towarinkē Apalaĩ: "Meu coração fica muito aqui em cima e sai pela boca. E isso de ciūme de minha terra. Eu falo para todo mundo-atē para Deus- para proteger meu povo e minha terra".



Aikaka (caranguejo)

Palankā e Maruarani Apalaĩ: *Falam em sua língua confirmando aquilo que Tawarinkē falou.*



Warerā Parakanã: *Falou em sua língua e Montiapêua traduz para nós.*

"Nossa terra demarcada, uma reserva sō com Marudjewara. Posseiro estā botando roça na nossa ārea. Eletronorte botou gente em nossa ārea. Eletronorte tomou nossa ārea com a ameaça da āgua chegar e botou mais gente na nossa ārea. Eletronorte, engana demais a nōs. Cortar ārea, botar gente. Tem que falar na Eletronorte para pagar para nōs. Eu estudo. Eu sei um pouco. Agora pode enganar a gente".

Sawara'a Aikewara: *Fala na sua língua. Waiwira traduz. Mostra a reserva no mapa.*



"Estamos rodeado de fazendeiros. No rumo do Sororō tinha muito índio. Camarā (branco) botou para correr. Foi indo indo até chegar aonde estamos agora. Agora, além de fazendeiro, tem posseiro querendo tirar a nossa ārea".

Apuĩ Assurini: "Nossa ārea ē pequena mas ē demarcada. Tinha um fazendeiro na beira do rio. Seis anos lutando com ele. Eu entrei com minha turma. Tomamos armamento, queimamos tudo e até hoje estā tudo legal. Todo ano limpamos o pi o. Não tem confusão. Tem placa "proibido entrar". Uma estrada passa bem no meio da reserva, mas passa direto. Toda semana damos um controle. Se pescador entra tomamos rede e malhadeira dele".



*Depois de passar o audio-visual NÓS OS KAYAPŌ, Mundiko explicou como os Kayapō estāo usando vídeo-tape para filmar as danças e festas da aldeia. Daĩ Pajakan continua.*

Pajakan Kayapō: "Começamos fazer filmes e vídeo cassete entre nōs. Temos doze. Somos cinco aldeias. Estes filmes estāo circulando entre nōs. Quem conhece a vida dos brancos sabe como ē importante filmar nossas coisas. Somos nōs mesmos que fazemos estes filmes. Aprendi de um branco no tempo da briga com o garimpo. Fizemos reunião filmando a promessa de demarcação".

*Pajakan conta para nōs como foi a luta pela demarcação da ārea e controle do garimpo dentro da ārea.*

"Branco disse que nós invadimos o garimpo. Não invadimos, ocupamos pois a terra é nossa. Durante 3 dias ocupamos e daí começamos retirar o pessoal. O funcionário, José Maria, foi comigo. Fomos pedir apoio a Polícia Federal, para ajudar manter a paz para não fazer mal a garimpeiro nem a índio. Seguramos os aviões, mas soltamos quando garimpeiro adoeceram de malária.

A briga foi bem esquematizada. No dia marcado colocamos no jornal que vamos tirar o pessoal de lá. Eu fui a Brasília e os Kayapô foram para o garimpo. Em Brasília tinha grupos interessados (garimpeiros e fazendeiros) apelando ao Ministro para tirar nós. Mas eu não aceitei mal-criação deles. Ofereceram 2% de renda do garimpo. (Antes era 0.5%). Mas eu disse que nem falaria disso antes de garantir a demarcação da terra. Eu peguei o decreto assinado. Fiz eles trocar a palavra delimitado para demarcado. Mas ainda não estou satisfeito. Não é garantia total. Quero título.

Depois fiz o acordo de 5% da renda para os índios. O garimpo está aberto. A terra está demarcada.

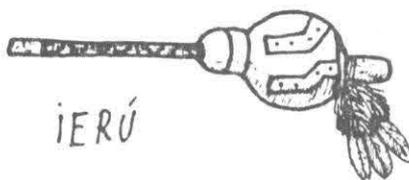
A organização começou só com Gorotire. Depois os outros das aldeias Kayapô foram aderindo aos poucos e algum branco também".

*Apê pergunta se é a terra dos antepassados dos Kayapô. Pajakan explica que ia até o Araguaia e recuou até ficar só no Xingu.*

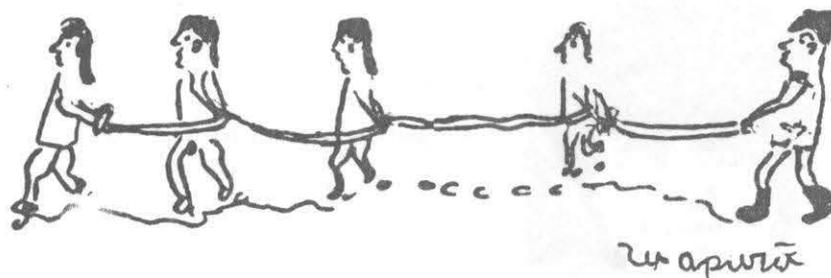
*Kelé pergunta como é que faz para tirar os 15.000 invasores.*

Pajakan Kayapô: "Não é através de amizade. Eu sou contra garimpeiro, madeireiro, fazendeiro. O que tem na terra podemos explorar nós mesmos porque para retirar branco da área sempre é muito difícil. Os outros brancos dizem "você é dono, se cuida".

Kelé Tembê: "A invasão de nossa área foi através do SPI anos atrás e os políticos da região".



Pajakan Kayapô: " Eu sou funcionário da FUNAI. O pessoal é colega, não amigo. Fique de olho na FUNAI. Ela engana quase todos nós. Desde o ano passado acompanho Salomão. É pessoa honesta".



Mundiko Kayapô: "Português descobriu o Brasil e logo invadiu. Vou ficar até o fim e vou transmitir para nosso povo. Nós mesmos resolvemos nossos problemas. Não esperamos FUNAI".  
*Na área Kayapô uma aldeia já discutiu com outra aldeia sobre a venda de madeira. Sobre isso Mundiko diz:*



"Índio brigar com índio não é bom para mim. Índio com índio é parente. Não gosto índio brigar com índio outra aldeia. Começa entrar branco e aí não tem fim. Um índio concorda que branco entra e outro não concorda. Não dá".

Martinho Munduruku: "Quando eu fui em Goiânia no encontro da UNI. Cheguei no Cururu e soube que uma balsa de mineração tinha entrado em nosso rio. Ninguém sabia. O pessoal em baixo da Missao foram e avisaram que não podia entrar lá, que era área indígena. Mandaram embora logo esta balsa. Outra vez, garimpeiros invadiram. Eu fui para ver estes garimpeiros. Gastamos 3 dias de motor para chegar lá. Por terra andamos 1 dia. Levei uma placa para colocar. Era dezembro e desde agosto eles estavam lá furando grotão para ouro. Acho que vieram de helicóptero porque não achamos picadas. Nós já corremos esta invasão mas sei que já vai aparecer de novo".



O FILME AWAETÊ

Nós vimos um filme sobre o massacre dos índios Cinta-Larga. Foi muito triste. Lembrou nós de nosso povo.

Kelê Tembê: "Foi uma tristeza o que aconteceu. É algo para refletir. Pode acontecer com nós o que aconteceu com aquele pessoal. Temos que fazer uma força".



Mundiko Kayapô: "Em 1500 tinha 5 milhões de índios. Índios e brancos se mataram. Tem pouco índios. Agora índio começa crescer mais".

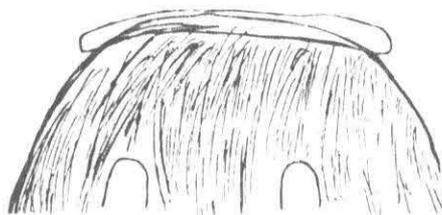
Towarinkê Apalaí: "Minha opinião mesma coisa. Muito ruim. Tem que terminar com estas coisas. Nossa reunião é terminar com isso. Branco mata muito índio. Índio mata pouco branco. Eles tem arma mais forte. Muito ruim. Nós queremos fazer reunião para não acontecer mais isso".



Waiwira Aikewara: "Não é coisa de outro tempo. Branco matou o meu avô. Minha mãe um dia estava aí catando piolho. Bam! Branco atirou baleou ela. Teve um cara chamado Cariolândia que caçava nós com cachorro. Matava índio e dava coração e fígado aos cachorro".



Montiapêua Parakanã: "Branco trazia muita doença nosso povo. Morreu muitos".



Apolônio Xokô: "A mesma história aconteceu com meu povo em Sergipe. Fazendeiro chegou para tomar nossa terra. Matou nossa gente. Meu avô viu botar gente no formigueiro, no sol de meio dia dia até morrer. Outros esconderam no mato e começaram a atravessar de Sergipe a Alagoas e juntaram aos Kariri e se chama Kariri-Xokô. Sempre diziam que a terra era nossa mas com medo de falar ou agir para não apanhar. Oito anos atrás começamos a brigar para nossa ilha e conseguimos a ilha com toda a luta contra os fazendeiros. Agora estamos lutando pela Caiçara".



*O nosso amigo Pe. Nello fez explicação do livrinho "UNIÃO E ORGANIZAÇÃO". Todo mundo participou do debate onde nós ficamos mais conhecendo como os brancos se organizam e como os diferentes povos indígenas se organizam. Apolônio Xokô e Pajakan Kayapô e Pe. Renato também ajudaram nós refletir melhor esta parte.*

Pārāpāt Kayapô: (fala sua língua e Mokukā traduz)



"Hoje é dia alegre de estar juntos. Somos parentes todos nesta reunião para trocar idéias. Eu não sou cacique mas quando eles viajam eu substituo. Sou chefe dos guerreiros da minha aldeia. Como eu sou índio mesmo sempre uso como de antigamente para dar força e alegria na aldeia e na terra. Somos todos índios. Alguns de vocês querem ser como branco, com isso que vocês estão enfraquecendo, se tornando pequeno. Todo dia, todo ano, todo mês, nós Kayapô usa nosso uso e nosso enfeite para criar mais força mais coragem para fazendeiro afastar. Na minha aldeia todos são bem forte, com muita força cada dia, cada semana. Nós tem que usar a cabeça, lembrar, pensar não sô para hoje mas para o futuro. Não sô branco usa cabeça, nós também.

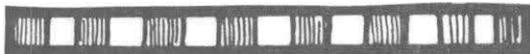
Hoje estamos aprendendo e entendendo cada vez mais, para orientar nosso povo, nossa terra para o futuro. Nós somos Kayapô e sempre nós fazendo reunião, para criar força, criar coragem. Kayapô fala igual um com outro, cada representante aqui tem que contar uma coisa e como está acontecendo. Tem que ajudar mãos e mãos um com outro. Eu sou próprio índio Kayapô mas meu filho estudou em Belém já é professor lá na aldeia. Na minha aldeia estão querendo invadir. Mas mando guerreiro prender posseiro e mando para Polícia Federal.

Estou gostando de mais de nosso amigo padre e este pessoal e nossos parentes também.

O nosso índio Kayapô não usa bebida do branco. Nós não usa bebida. Sô os brancos e brancos usa muito e ai falam mal para nós e já ouvimos muito que eles falam para nós índios.

Nós Kayapô sempre se alimentava bem, sempre com ajuda de uns aos outros. Assim vamos continuar cada vez mais.

Obrigado.



*Depois disso chegou nossos parentes de Oiapoque. Atrassaram muito por causa da viagem. Eles se apresentaram.*

Anikā Karipuna: "Meus irmãos índios, índios igualmente a mim. Desculpem nosso atraso. Eu vibro pelo nome índio. Quando diz 'índio' mexeu comigo. Servi o exército 20 anos e voltei para minha aldeia. Hoje sou cacique.



É um prazer conhecer vocês de nações indígenas diferentes. A minha maior tristeza é não ter documento da nossa área. Temos a demarcação e ainda falta documentação. Nossa vida é agitada porque está perto da cidade e à Guiana Francesa. Tem um ramal que penetra minha aldeia Manga. A gente nunca deve dar apoio à penetração de branco em nossas aldeias e nem dar motivo para entrar. Não sei o motivo mas branco sempre domina. Temos estes dois irmãos nos rios perto e numa área única.

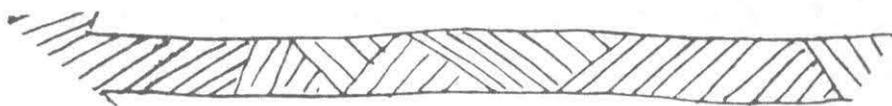
Ao chegar aqui ouvi a palavra de nosso irmão Pārāpāt com a interpretação e gostei muito. Vou me inteirando dos assuntos porque quero levar

comigo para contar para meu povo em todas as aldeias".

Emílio Palikur: (fala na língua Karipuna e Anikã traduz).



"Sou cacique da Aldeia Palikur Tawari. Vim representar a comunidade Palikur".



Guilherme Galibi: "Fiquei satisfeito em encontrar nossos amigos índios. nossa terra é demarcada mas falta documento. Se ninguém tiver documento a demarcação não dá garantia".



Continuamos, então, nosso debate sobre o relacionamento entre índios e brancos.

Mundiko Kayapō: "Nosso cacique diz que não é bom misturar. É melhor índio com índio. Branco com branco fica lá pro seu lugar na cidade. Índio fica fraco casando misturando".



Waiwira Aikewara: "A nossa terra saiu pequena porque o grupo de trabalho sō perguntaram para rapaz nosso que não sabe nossa terra. Sō os mais velhos teriam ensinado onde está o cemitério".



## O TRABALHO EM GRUPOS

Por algumas horas ficamos em grupos menores discutindo nossos problemas. Cada grupo escolheu um relator para contar para todos nossas idéias sobre TERRA, MADEIREIRAS, GARIMPO e CASAMENTOS.

### \* 1º grupo:

Junior Kaxuyana: "Nosso grupo era de quatro povos: Apalaĩ, Munduruku, Tiriyo, Kaxuyana. Primeiro falamos da terra. Nossa terra, dos Apalaĩ, Tiriyo e Kaxuyana, está decretada mas não está demarcada. Nós resolvemos reunir os 3 povos para falar sobre a nossa terra. Duas estradas estão cortando nossa área. As estradas são um perigo porque sempre estas estradas da Amazônia não são sō de passagem. Vem fazendeiros e pessoal atrás para ficar. Já tenho a opinião de várias pessoas aqui e vamos fazer como eles. O povo Munduruku já tiveram e até agora tem problemas. Os garimpeiros trazem caça para trocar com uma grama de ouro. É o jeito de amansar os Munduruku. Não devemos aceitar que o povo branco oferece".



Junior apresentou o mapa da área Munduruku e Fernando e Martinho explicaram.

Martinho Munduruku: "Atê hoje estamos reclamando os castanhais e seringaís que ficaram fora da demarcação. Passou alguma equipe lá dizendo que ia aumentar a área.



No mapa enxerga. No chão ninguém vê e por isso é problema. Ninguém sabe onde passa o limite".

Junior Kaxuyana: "Agora Apalaí. O problema deles é que já está chegando garimpeiro na área deles: pesquisando, mergulhando, prometendo objeto como espingarda e tudo mais para ver se conquista Apalaí para poder entrar. Isso eles e nós não queremos mais em nossas terras. Não gostamos porque não é coisa de nossos antepassados. Não queremos estranhos em nossas áreas. Todos concordamos.



Não devemos deixar madeireiro e nem garimpeiro entrar porque eles querem destruir o que é nosso. Destruir o fruto de nossa terra. Ele faz bem para o povo indígena?

*Todos respondem: Não! Faz mal!*

Então ninguém vai aceitar este povo. Já que não seguramos no passado, vamos de agora em diante segurar. Não vamos deixar invasor na nossa área. Contamos com o apoio de todos vocês,

Quanto ao casamento de branco com índio, na nossa aldeia não tem. Esta história de um branco casar com índio não era de nossos antepassados. Queremos conservar isso. Índio com índio de outra tribo pode casar. Mas índio com branco não podemos permitir. Temos que acabar com isso. Temos que viver a nossa vida como nossos antepassados.

\* 2º grupo: Anambê, Tembê, Galibi, Karipuna e Palikur

Kelê Tembê: "Anambê são poucos e sua terra mais pouca ainda. Eles querem que aumente aquilo proposto pela equipe da FUNAI. Possesores estão ocupando toda a área em torno deles. Também tem madeireiros que entra e tira madeira na marra. Eles exigem providências da Funai que é órgão que protege o índio. Até agora não tomou nenhuma providência. Uaçã é uma reserva grande e em perigo devido ao ouro. Antes do ouro foi a estrada comendo a terra deles. Estão preocupados com o decreto da terra deles. A demarcação eles mesmo vão fechar. Não vendem madeira. O perigo é o ouro. Uma vez terminada a demarcação e tendo o decreto eles vão trabalhar o ouro eles mesmo. Não concordam com casamento de índio com branco porque já tiveram muito prejuízo com isso. Não vão aceitar mais.

A terra da briga- já sabe. Lá mora os Tembê que é nome ganho. É Tenetehara. Em 1945 foi transferido os índios de Capitão Poço para Ourém (outro lado do R. Guamá) foi o S.P.I. Levaram muita gente

de fora para trabalhar lã, fazer roça... Casaram com os índios e ficaram. Culpados eram os índios mais velhos e o SPI que levou este pessoal dentro. Desde este tempo tem a invasão lã.

O Mejer com sua fazenda com uma faixa dentro da reserva. Foi formando equipe para demarcação. Pegaram dinheiro e rodearam a fazenda. Depois a estrada foi autorizada. Índios não foram consultados. Todo mundo entra. Colonos fazem roça e diz que sô sai se Mejer sai. Tenho uma pergunta: Aonde está o direito do índio? Lei tem muito. Direito sô é um. Se está em Brasília os processos que foram lã acho que jogaram fora porque não voltaram mais.

Não achamos solução. Vai na FUNAI, delegado chama Advogado. Ele fala: paciência. Deu prazo de 90 dias. Passou 60 e nada ainda. Sobre madeira, não adianta não querer. Eles q erem e tiram tudo que quer. A estrada está lã.

Sobre casamentos, o que pode fazer? Estão aí, coisa ruim-não presta. É o último azar de arrasar botar branco para morar e ocupar terra indígena. É covardia e coisa muito ruim".

\* 3º grupo: Kayapô



Pajakan: "Todos nôs sabemos que tem poucos brancos a favor dos índios e muitos contra. É muito importante para nôs reunir cada ano ou até mais. Algum parente colocou o caso de branco trocar objetos com índios.

É coisa que não deve fazer; não é permitida. Algum índio que entende isso deve avisar o parente que não sabe. Nas nossas aldeias Kayapô não acontece isso.

Nôs Kayapô somos povo guerreiro. Antigamente brigamos muito com outros índios e com brancos. Agora brigamos para a demarcação de nossas terras para aquilo que é nosso.

Branco sabe que índio tem muita riqueza na terra dele. As vezes branco bota índio brigar com outro índio. Aí o branco fica batendo palmas e toma a terra. Podemos ficar de olho nisso porque o pai de todo Brasil sabe muito pouco da vida do índio. Se esperamos todo tempo para o branco resolver para nôs nunca vamos conseguir nada.

Nôs Kayapô temos vontade de ajudar qualquer outro grupo que precisa de nôs. Sô através das nossas línguas diferentes não podemos falar mas somos o mesmo sangue, únicos brasileiros.

Estamos muito poucos. Branco tem mais do que nôs. Para nôs mesmos nos defender temos que unir, lutar para o que é nosso. Temos que conhecer nossos parentes, lembrar os antepassados que criaram nôs e deixaram a terra para nôs...

Hoje estamos nos conhecendo através de algum branco que ajuda, como CIMI, e através de nôs mesmos índios que entende e ensina para nôs.

A FUNAI ajudou nôs conquistar o PUTAKOTI ficar dentro de nossa área. Temos que proteger contra o que o branco pode fazer contra nôs no caso de garimpo e madeireiro.

A terra continua sempre. Quem te tomou a terra morre ou até nós índios morre mas a terra continua. Cuidado com o branco que quer ser amigo. que quer dar coisa. Já no começo o branco ofereceu bebida alcoólica para o índio, não são hoje. Assim controlou os índios e tomou o Pau-Brasil.

Índios podem ser amigos de outros índios mas não com interesse. Branco quando quer ser amigo do índio é com interesse.

Espero que esta seja só a primeira vez e que vamos continuar reunindo nós índios do Pará".

\*

4º grupo: Tocantins: Aikewara, Assurini e Parakanã

Itapara Assurini: " Sororô dos Aikewara: Aqui está o mapa que Kakã



(Jaiwira.) fez. Aqui está a reserva demarcada, mas tudo isso (mostrando o mapa) era deles antigamente e agora eles querem de volta. (Wawira mostra onde está o avô dele enterrado e onde tiravam barro).

Começou entrar um tirador de madeira. Os Aikewara não consentiram. Mas tem algum entre eles que concorda e deixa ou até convida branco dentro. A organização deles não funciona porque não estão unidos sobre este assunto. Se a gente não cuida do que é nosso ninguém vai cuidar.

Tem dois homens casados com branca e duas mulheres casados com branco. Não está certo. Eu sou índio, graças a Deus, e toda a vida quero ser... É bom a gente pensar direito para não sofrer prejuízo mais tarde. Índio casa com branco e o filho já não é da nação, casa com branco de novo e vai enfraquecendo".

*Itapara mostra o mapa que o grupo fez da área dos Parakanã. Explica o caso com Eletronorte que Warerã tinha falado outro dia mostrando cada aldeia, igarapé e estrada no mapa.*

"Os Parakanã não consentem e nem aceitam casamento com branco. Todos nós devemos fazer assim".

*Agora Itapara mostra o mapa que o grupo fez da área dele -Os Assurini. Mostra a estrada que corta, as aldeias o Rio Tocantins e o Trocarã.*

"Esta é a minha área. É só o que conheci. Mas os mais velhos contam que antigamente nós ocupávamos muito mais, que Tucuruí era pequeno com os Gavião de frente. A nossa terra era para ser bem maior conforme onde nosso povo andava antigamente até Pacajã. Mas na demarcação o pessoal não sabe e ficou só isso. E nós cuidamos bem desta que tem. Por enquanto não está tendo madeireiro. A gente nunca vende madeira. Mais tarde vai servir para nós e por isso não vendemos. A estrada Transcemetã pode trazer problemas pois é um caminho de entrada. Mas a gente está sempre vigiando. Achamos errado uma estrada passar na nossa área sem nós receber nenhuma indenização.

Aí terminou os relatos dos quatros grupos. Nosso amigo da U.N.I. Nordeste falou:

Apolônio Xokô: "Estou vendo que aqui é uma região bem diferente. No ano passado fui onde dizem que o Brasil foi descoberto, Porto Seguro-Bahia. De lá até Ceará todos índios perderam sua terra.



Em 1978 começou a nossa luta para a reconquistar a nossa terra.

Voces são de parabêns. Estou aprendendo muito com voces. Voces se expressam muito bem e estão chegando a uma conclusão.

A gente (no Nordeste) índio vem sofrendo aceitando coisa do branco. Já desde 1978 resolvemos tomar de volta um pouco de nossa terra. Não toda. Estamos espalhados. Em fevereiro 1978 fazendeiros disseram que nós não podia plantar mais. Nós plantamos mesmo assim. Na colheita botaram gado dentro e acabou.

Daí olhamos e resolvemos entrar na ilha. Entramos na ilha. Pegamos apoio de Dom José e sindicato local.

Fazendeiro botaram justiça em nós. A ilha foi embargada. Mas aí fomos assim mesmo. Ai botaram pistoleiros na Caiçara para nós não poder voltar para lá. Muitas ameaças...

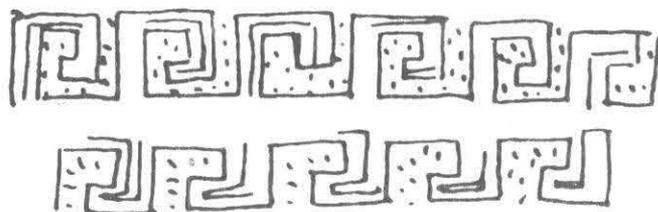
CIMI então organizou uma assembléia na ilha. Nós éramos novatos nesta luta e os Xavantes e muitos outros foram lá e deram uma força.

Daí a imprensa deu importância. Ganhamos espaço. Daí botaram gado nas nossas roças na ilha e disseram que a terra é do estado.

Matamos dois bois. A polícia foi e intimou todos homens. Ligamos para FUNAI. Disseram não vai. Vai sô três. FUNAI fez safadeza com a polícia e nós perdemos. Mas continuamos matando gado até tiraram. Daí deixamos os fazendeiros para brigar com a FUNAI, para passar a terra para o SPU. Em 1984 conseguimos isso. A ilha é nossa. O ano passado 1985 começamos a luta pela Caiçara, Funai não assumiu.

Fazendeiro fez festa de ter ganho a terra nossa".

→ Depois disto Pe. Nello comentou os relatórios dos grupos. Ele fez o resumo dos pontos mais importantes que nós tínhamos colocado e que podem servir de pistas de ação para nós.



RESUMO DE NOSSAS IDÉIAS PARA AÇÃO

- 1 - Demarcar as nossas áreas nós mesmos
- 2 - Fiscalizar nossas áreas nós mesmos
- 3 - Conservar e reforçar nossa identidade indígena e amor a terra
- 4 - Ajudar uns aos outros
- 5 - Fazer reuniões com índios mais sabidos; fazer assembléias e convidar alguém.

Visto isso voltamos novamente para os mesmos grupos para ver o que nós vamos fazer mesmo.

Aqui estão as respostas dos grupos.

Júnior Kaxuyana: (falando pelo grupo dos Apalaí, Tiriyō, Kaxuyana e Munduruku).



"A primeira coisa que vamos fazer é reunir o pessoal da aldeia um pouco e pensar no que vamos fazer. Muitos não sabem o que está acontecendo. Eu já sei porque recebo o MENSAGEIRO e leio o que acontece em cada aldeia.

Pensamos no dia 07 de setembro convocar uma assembléia das aldeias pertos e conversar sobre a demarcação da área, explicar tudo o que viu e ouviu aqui.

É muito triste o que nós vimos nos filmes, massacres de índios e tudo mais.

Os Apalaí vão convocar todo o povo e explicar o que passa aqui fora porque o povo Apalaí estava dormindo.

Os Munduruku também vão fazer Assembléia no dia 07 de setembro porque é uma ocasião em que todos estão juntos. Chegando aí vão convidar todo mundo para a aldeia do Biboi porque ele não pode andar. Tem que pensar não no presente nem no passado mas no futuro para os nossos netos".

Itapara Assurini: (falando pelo grupo dos Parakanã, Aikewara e Assurini)



"Chegando na nossa aldeia cada grupo conversa sobre o que viu para a comunidade ficar sabendo. Vamos cada um transmitir na sua aldeia o que foi conversado para que possam agir para que nossos próprios parentes não sejam prejudicados.

Vamos trocar idéias uns com outros. Esta é a primeira reunião que venho. É muito bom. Não devemos demorar fazer outra. Nós todos somos parentes índios. Temos que acordar uns aos outros. No dia sete de setembro vou convidar Parakanã e Aikewara a Trocará para uma reunião para esclarecer as coisas e ver o que fazer".



Antonio Tembê: (falando pelo grupo dos Tembê, Anambê, Galibi, Palikur e Karipuna).

"A primeira coisa que os Anambê vão fazer é reunir o povo morando lá dentro para terminar a demarcação deles. Depois vão pedir outras comunidades indígenas ir com eles até a Superintendência e depois a Brasília para pegar o decreto.

Todos no grupo pensamos que deve ir ao Presidente da FUNAI e ao Ministro do Interior e cobrar o decreto para os que ainda não tem. Também achamos que este encontro deve mandar uma carta para nossos amigos índios lá fora.

Quanto ao meu povo Tembê, o problema é mais difícil. Todos homens Tembê se comprometeram a fazer a demarcação. Pedimos todos vocês ajudar nós. Aqui em Belém não deixamos esfriar mas nunca fomos em Brasília ver como é. Eu vou falar com INCRA e ver a posição das desapropriações e da CIDAPAR".

Pajakan Kayapô: (falando pelos Kayapô das aldeias A'ukre, Gorotire, Kikretum e Kokrajmor).



"Em Gorotire os dois (Pàràpāt e Bep-Buru) vão chegar e falar com os dois líderes e contar o que passou aqui:  
1 - o perigo de acabar a madeira, garimpo, terra.  
2 - como ajudar os outros.

Kikretum e Kokrajmor vão fazer a mesma coisa.

A'ukre não tem estes problemas mas estão prontos para ajudar qualquer um".

*Pajakan explica que ele vai ser funcionário da FUNAI, sendo assessor do Superintendente e oferece a ajuda dos Kayapô para todos os parentes.*

"Somos guerreiros. Vamos brigar. Mas nossa arma tem que ser a nossa inteligência. Vocês precisando, qualquer luta que precisa de nós para ajudar organizar, apoiar, estamos a disposição. Temos caminhão, temos barco, temos avião. Estamos nos levantando. Podemos ajudar. Depende de cada grupo dar resposta para a gente. O que precisa? Que tipo de ajuda quer. Escreva para a gente. Vamos discutir na aldeia. Depois vamos ver o que dá para fazer".

#### RESUMINDO AS CONCLUSÕES DOS QUATRO GRUPOS

- 1 - voltar e contar para minha aldeia
- 2 - voltar às origens
- 3 - Tocantins - Assembléia
- 4 - Tumucumaque - Assembléia Tiriyô - Apalaí - Kaxuyana - 07 de setembro.
- 5 - Carta para outros índios não presentes para outra vez não faltar e dizendo que está preocupado com eles

- 6 - marcar a próxima reunião  
7 - ir a Superintendência e a Brasília, através de uma comissão, cobrar o decreto e a demarcação.

Seguiu um debate sobre uma comissão: se deve ir a Brasília, para que ela serve, como formar. Aqui tem algumas palavras dos parentes:

Apolônio Xokô: " A comissão mostra que os índios do Parã estão juntos. Isso dá mais força. É como a história da vara. Uma só quebra fácil, duas, três ainda, com bastante força quebra. Mas muitas juntas não conseguem quebrar. É perigoso índio ser empregado da FUNAI. Duas vezes fui convidado. Não aceitei e nem vou aceitar. Porque amanhã ou depois pode querer me obrigar a agir contra meu povo. Se eu agir contra meu povo é contra mim mesmo. Jamais vou aceitar fazer isso. Por isso não aceito emprego".



Depois de conversar muito decidimos que queremos uma comissão permanente, uma espécie de conselho, nossa organização própria que mantém os contatos entre os grupos. Voltamos aos quatro grupos. Cada grupo escolheu uma pessoa para servir nesta comissão. Contamos com Pajakan para ajudar esta comissão sempre.

#### A COMISSÃO

Itapara Assurinî de Trocarã  
Mokukã Kayapô de A'ukre  
Antonio Tembê do Alto rio Guamã  
Martinho Munduruku do Cururu

Ficamos muito satisfeito com nossa comissão que vai representar nós todos. Depois nosso irmão Pârâpât falou para nós.

Pârâpât Kayapô: "Voces todos meus irmãos índios estão aqui reunidos para saber mais das coisas. Então eu pergunto: voces querem que eu fale para todo mundo ouvir, assim que tudo fica mais claro na cabeça de vocês?"



(Todos dizem que sim). Muito bem, obrigado.

Estamos aqui para saber mais; mas não está tudo bonito não para nós os índios, por causa dos brancos que invadem e tomam nossa terra. Amanhã volto para lâ. Lã tem muita gente, muitos guerreiros, homens fortes. Eu vou falar para eles, vou fazer reunião para falar. Lã na minha aldeia para todo mundo

saber. Eu sou chefe dos guerreiros e vou explicar para todo mundo saber. como estão as coisas com os brancos. Vou dizer que não é para vender tudo ao branco.

Nós todos somos índios e eu gosto dos meus amigos índios de cada tribo que está aqui reunida. Mas com o branco não é assim não. Do branco eu não gosto. O branco quer sō as coisas dos índios, mas não gosta do índio. Ele gosta do minério, da madeira e da terra do índio mas não gosta do índio. Eu gosto de vocês todos índios e gosto destes dois Wajangare=pajê (padre). Eles dois nos mostram como estão as coisas e nos esclarecem sobre os problemas, as coisas todas. Os brancos, os brancos tem outro jeito, tem uma maneira diferente para com os índios. Os brancos querem enfraquecer os índios e dão cachaça para enfraquecer os índios. Os brancos tem medo dos índios. O branco doído oferece cachaça para o índio.

Perto de Gorotire tem uma cidade, a cidade de Redenção. Agora uns índios, poucos índios mais novos, beberam cachaça que os brancos deram para eles tomar. Isso foi muito feio. Antigamente índio Kayapō não bebia não, mas agora já acontece que bebe.

Eu gosto daqui. O Padre mostra para nós o mapa da nossa terra e mostra que tem terra do índio que não está demarcada e mostra que há índio que não tem mais terra. Em Gorotire não foi assim não. Nós expulsamos os brancos. Se o branco perguntasse ao índio de quem é a terra, ele saberia que é do índio, mas branco não pergunta, simplesmente toma.

O branco diz: "Mas o que o índio faz com a terra? O índio não trabalha nela, não mexe em nada". O índio responde: "aquela terra do índio serve para caçar e plantar também; a terra é para o filho e o neto do índio viver; uma terra pequena não dá para índio viver. Nós índios não vamos mexer nas casas e nas terras dos brancos, porque são deles. Então porque o branco faz isso conosco? Então o branco deve saber que aquilo que está na terra do índio é do índio: minério, madeira enfim a terra mesma é do índio. Acontece o seguinte: o branco é esperto, ele oferece para os índios coisas enganosas, a bebida cachaça e paga muito pouco as coisas do índio. Aconteceu há poucos dias. O branco queria comprar o mogno pagando uma besteira. Mas todo mundo não gostou não e devolveu as coisas. O branco é ladrão, mas é ladrão mesmo. Antigamente o índio não sabia como era que o branco fazia, mas agora o índio aprendeu; sabe que o branco é ladrão, que pega as coisas do índio pagando pouco e mal. Nestes dias porém o branco está aprendendo pagar. Longe lá em Gorotire, já aconteceu que teve briga entre índio e o branco. Agora o branco que pergunta ao índio e não pega as coisas dele, ai está certo, mas caso contrário o índio bate nele.

Então temos que olhar para a nossa terra, zelar por ela; e nós devemos falar para que todos os outros nossos irmãos índios defendem os limites da sua terra.

Quando algum branco aparece dentro da nossa reserva, nós

falamos para a FUNAI, mas a FUNAI não fez nada. Durante a demarcação da nossa reserva, a Funai, a Federal, os soldados estavam fazendo a demarcação errada, mas nós índios vimos que não estava certo, então mandamos cortar como nós queríamos. A terra não é dos soldados, nem da Federal nem da Funai. É nossa e só nós conhecemos ela.

O Superintendente já chegou, então eu vou terminar de falar. Eu falei para vocês todos para que as coisas fiquem bem gravadas na cabeça e para vocês todos falarem para os outros e todos nós ser unidos e fortes. É assim mesmo que falei para vocês.

Apê, nosso velho parente Tiriyo ainda fez um discurso para nós; Ele falou Tiriyo e seu genro Junior traduziu.

Apê Tiriyo: "Meus filhos. Chamo vocês de filhos porque são todos mais novo do que eu. Conversamos sobre a terra. Acharam bom?"

(Todos dizem que sim) Eu também. Esta história já conheci há muito tempo. Veio de nossos antepassados. Esse negócio de branco entrar em nossa terra é bom?

(Todos dizem não, é ruim)

A terra não é como objeto. Estes objetos acabam. A terra não acaba. Eu não adoro objetos. Objetos não fazem bem. Só Deus faz bem.

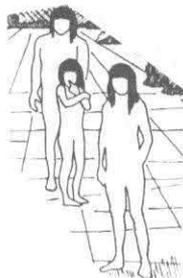
De hoje em diante que é que vamos fazer com branco que entra em nossa área? - vocês povo guerreiro (ele aponta os Kayapó). Minha tribo também foi povo guerreiro.

Como proteger nossa terra? Com arma de fogo? Não. Não vamos imitar a polícia que até guarda de trânsito tem arma.

Daqui para frente Apê e outros parentes começaram fazer perguntas ao Superintendente da FUNAI sobre demarcação, invasão etc. Ai o Superintendente Salomão também fez um discurso sobre a importância de vigiar e proteger nossa terra e segurar as coisas boas que nossos antepassados nos ensinaram. Muitos de nós fizemos perguntas para ele e ele respondeu a todas. Ele achou muito bom a nossa comissão e prometeu convidar nossos representantes sempre para as reuniões na superintendência. Ele também prometeu tentar trazer o Grupo de Brasília para cá para tratar conosco os processos de demarcação de todos os parentes no Pará e Amapá.

Também ele prometeu ajudar, conseguir um avião da FAB para deslocar os Apalaí para a Missão Tiriyo para Assembleia que eles planejaram.

Depois Salomão com sua comitiva partiram e nós ouvimos o depoimento de Apolônio Xokó sobre UNI.



Apolônio Xokô "A UNI (União das Nações Indígenas) é todos nós aqui. Já foi implantado com os quatro companheiros escolhidos para conversar os problemas de vocês. A UNI é os próprios índios se organizando, sentindo os problemas um do outro. A gente se unindo para resolver nossos problemas, aí é UNI. Onde tiver índio ele representa UNI porque UNI é movimento indígena<sup>7</sup>."



*Aqui Apolônio contou um pouco da história das diversas diretorias da UNI de 1981 até hoje.*

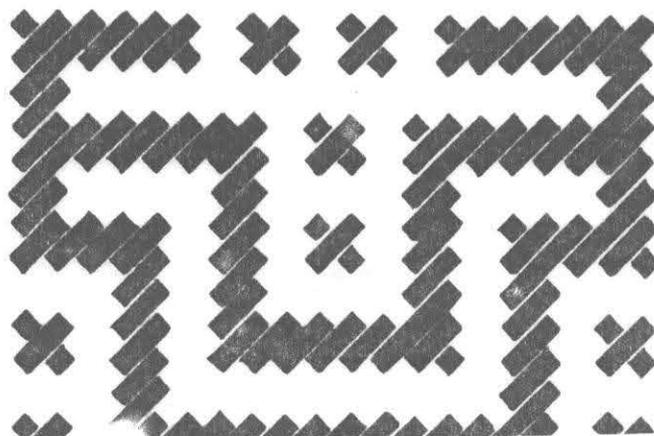
^Em 1985 numa Assembléia em Goiânia criamos o conselho. O conselho é formado por um representante de diversas aldeias. Amazonas, Acre e Nordeste são mais organizados. Outros regionais estão tendo dificuldade em se organizar. Uma dificuldade é que não pode ser registrado com este nome. Assim criamos o Núcleo de Cultura Indígena com programa na TV.

A UNI é nós organizando. A partir da formação deste conselho a UNI é forte aqui. Estes 4 companheiros não são só para questões em Brasília. Estão aí para resolver todas as questões dos companheiros indígenas aqui no Pará e Amapá. A UNI é a gente caminhar juntos, decidir juntos e resolver nossos problemas juntos.

A UNI já tem uma marca importante aqui. Espero que sempre continuam reunindo e discutindo estas coisas nas suas comunidades. Não vai parar por aqui. Vou daqui ver outros coordenadores da UNI. Vou levar a mensagem de vocês".

*Apolônio ainda agradeceu muito a acolhida nossa. Foi a primeira vez que ele veio para o Norte - e gostou. Pe. Nello explicou um pouco sobre CIMI. Diz que desde 1972 o pessoal do CIMI defende os índios junto com os índios. Principalmente CIMI defende TERRA, CULTURA e AUTO-DETERMINAÇÃO dos índios.*

*Também o Pe. Nello apresentou os dois jornais  
MESSAGEIRO e PORANTIM*



E depois de tudo isso fizemos FESTA. Cada um cantou ou dançou alguma coisa de sua aldeia. Um ou outro que não sabia agora vai aprender na sua aldeia.

Foi tão bonito. E comemos e bebemos e conversamos. Cada um deu sua palavra de despedida. Fomos dormir tarde bem alegres.

No outro dia depois de um bom café, cada um partiu já com saudade e com promessa de reunir de novo.

Afinal a UNIÃO é nossa força e a  
ORGANIZAÇÃO é nossa arma.

- 1- Apolônio Xokō  
Caixa postal - 09  
57.400 Pão de Açúcar /AL
- 2- Apē Tiriyō  
Júnior Kaxuyana  
Missão Tiriyō  
16 de novembro 541  
66.000 Belém/PA
- 3- Clemente Tembē  
Oscar Tembē  
Antonio Tembē  
Caixa postal 025  
68.650 Capitão Poço / PA
- 4- Pārāpāt Kayapō  
Bep-Buru Kayapō  
Aldeia Gorotire  
Av. Marechal Costa e Silva s/n  
FUNAI  
Redenção /PA
- 5- Mokukā Kayapō  
Betikre Kayapō  
Pajakan Kayapō  
Aldeia A'ukre  
Av. Marechal Costa e Silva s/n  
FUNAI  
Redenção / PA
- 6- Piãum Kayapō  
Kakwyi Kayapō  
Aldeia Kikretum  
Av. Brasil s/n  
Caixa postal 30  
68.385 Tucumã / PA
- 7- Mundiko Kayapō  
Aldeia Kokraimor  
Casa dos padres  
68.380 Aão Felix do Xingu / PA
- 8- Martinho Munduruku  
Fernando Munduruku  
Caixa postal 191  
68.100 Santarém / PA
- 9- José dos Anjos Anikā  
Aldeia Manga  
68.980 Oiapoque / AP
- 10-Emílio Leôncio Palikur  
Aldeia Tawari  
68.980 Oiapoque / AP
- 11-Manoel Guilherme Nunes Galibi Marworno  
Aldeia Kumarumã  
68.980 Oiapoque / AP
- 12-Waiwira Surui  
Sawara'a Surui  
Casa das Irmãs  
68.530 São Domingos do Araguaia/ PA

- 13- Itapara Assurini  
Imuíwa Assurini  
Apuí Assurini  
Caixa postal 82  
68.460 Tucuruí / PA
  
- 14- Warerá Parakanã  
Montiapêua Parakanã  
Aldeia Paranati  
Ajudância da Funai  
Fl.31 Q 1 Lote 1 e 2  
68.500 Marabá / PA
  
- 15- Towarinkê Apalaí  
Maruanari Apalaí  
Palankã Apalaí  
Aldeia Bona  
  
A/ C FUNAI  
Pe. Eulíquo 2315  
66.000 Belém/AP
  
- 16- Pedro Anambê  
Casa Paroquial  
68.270 Mocajuba/PA
  
- 17- CIMI NORTE II  
Caixa postal 1454  
66.000 Belém/AP